

AS CITAÇÕES PATRÍSTICAS NA *SACROSANCTUM CONCILIUM*

Lucas Luís Matheus de Mello¹

RESUMO: O Concílio Vaticano II é conhecido, entre tantas características, por redescobrir, valorizar e incentivar o estudo da teologia patrística. Por isso, este artigo se propõe a tomar as citações dos Padres da Igreja presentes na *Sacrosanctum Concilium* para perceber, através de um exemplo concreto, como o Concílio usou os textos dos teólogos da Antiguidade cristã. Assim, visitar-se-á cada citação desde o primeiro capítulo da constituição sobre a natureza da liturgia e sua importância na vida da Igreja (nn. 5-46), no qual tais referências estão concentradas em maior número, até as duas últimas que se encontram no início do segundo capítulo sobre o mistério da sagrada Eucaristia (nn. 47-58).

¹ Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pelo *Pontificium Institutum Patristicum Augustinianum de Roma* (2021). Pós Graduação Lato Sensu em Formação de Seminários e Casas de Formação (2016) e bacharel em Teologia (2013) pela Faculdade Dehoniana (Taubaté-SP). Professor na Faculdade Dehoniana desde 2022. Religioso e sacerdote da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, exercendo o ministério como formador no Convento Sagrado Coração de Jesus desde 2022. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8691399287508081>. E-mail: lucas.mello@dehoniana.online.

PALAVRAS-CHAVE: Concílio Vaticano II; Patrística; Patrologia; *Sacrosanctum Concilium*; Liturgia; Inácio de Antioquia; Cipriano de Cartago; Agostinho; Cirilo de Alexandria.

RIASSUNTO: Il Concilio Vaticano II è riconosciuto, tra tante caratteristiche, per riscoprire, rivalutare e incentivare lo studio della teologia patristica. Così, questo articolo si propone a prendere le citazioni dei Padri della Chiesa che si trovano nella *Sacrosanctum Concilium* per capire, su un esempio specifico, come il Concilio ha utilizzato i testi dei teologi dell'Antichità cristiana. Pertanto, si guarderà ogni citazione dal primo capitolo della costituzione sulla natura della sacra liturgia e sua importanza nella vita della Chiesa (nn. 5-46), dove si trovano tali referenze in maggiore numero, fino alle due ultime che si trovano all'inizio del secondo capitolo sul mistero eucaristico (nn. 47-58).

PAROLE-CHIAVE: Concilio Vaticano II; Patrística; Patrologia; *Sacrosanctum Concilium*; Liturgia; Ignazio d'Antiochia; Cipriano da Cartagine; Agostino; Cirillo d'Alessandria.

Concluído há quase sessenta anos, o Concílio Vaticano II é reconhecido como o evento mais importante da história da Igreja no século XX. Por isso, é sempre pertinente visitar os seus documentos para que, através de sua justa interpretação, esse acontecimento singular continue produzindo frutos na vida eclesial.² O trabalho conciliar é conhecido

² Cf. BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal*. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/>

também por redescobrir, valorizar e incentivar o estudo da teologia patrística. Na verdade, a revalorização da obra e do pensamento dos Santos Padres está presente nos diversos movimentos que deram origem ao Concílio, como se vê claramente no “movimento litúrgico”.³

Dessa forma, propomo-nos um olhar preciso sobre o primeiro documento publicado pelo Vaticano II, a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada Liturgia:⁴ tomaremos as citações dos Santos Padres nela presentes para perceber, através de um exemplo concreto, como o Concílio usou os textos dos grandes teólogos da Antiguidade cristã.⁵ Além disso, poderemos descobrir se a evolução das ciências patrísticas, a partir da produção de novas edições dos textos citados, pode trazer alguma novidade àquilo que foi construído pelos Padres Conciliares e, portanto, à reta interpretação dos textos aprovados. Para realizar este intento, apresentaremos uma versão ampliada dos textos patrísticos utilizados na SC para

hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html> (acesso em 9 de julho de 2024).

3 Cf. TENA, Pere. “Historia y proceso de aplicación de la Constitución ‘Sacrosanctum Concilium’”, p. 7.

4 Cf. “‘SACROSANCTUM CONCILIUM’ Constitución sobre la Sagrada Liturgia del Concilio Vaticano II”. *Phase* 141 (2004), p. 35-107. A partir daqui referida como SC, a constituição sobre a Liturgia foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II por uma significativa votação de 2.158 votos a favor e só 4 contra e promulgado pelo Papa Paulo VI aos 4 de dezembro de 1963, no encerramento de sua segunda sessão (cf. TENA, Pere. “Historia y proceso de aplicación de la Constitución ‘Sacrosanctum Concilium’”, *Phase* 141 (2004), p. 11).

5 Neste trabalho, não serão consideradas as citações dos antigos sacramentários e martirólogos que o texto conciliar apresenta.

conhecer o seu contexto na composição original e as compararemos com as edições críticas subsequentes.

Em geral, podemos perceber inicialmente que as citações diretas são apenas duas:⁶ SC 5 cita a epístola aos Efésios de Sto. Inácio de Antioquia; e SC 26, a obra sobre a Unidade da Igreja Católica de S. Cipriano de Cartago, à qual se junta uma menção à epístola 66 do mesmo autor em modo indireto. As citações indiretas, porém, se encontram em maior número, cinco no total: Sto. Agostinho tem seu Comentários sobre os Salmos referido em SC 5; os Comentários sobre o Evangelho de João em SC 7 e 47; o santo bispo antioqueno já referenciado tem três cartas citadas em SC 41 e, por fim, S. Cirilo de Alexandria tem seu Comentário sobre o Evangelho de João citado em SC 48. Apresentaremos as citações na ordem em que aparecem no texto da constituição conciliar começando pelas citações diretas.

Antes ainda de considerarmos cada uma dessas citações em particular, é de se notar que a maior parte das citações estão concentradas no primeiro capítulo da constituição que versa sobre a natureza da liturgia e sua importância na vida da Igreja (nn. 5-46), enquanto as duas últimas se encontram no início do segundo capítulo sobre o mistério da sagrada Eucaristia (nn. 47-58).⁷ Isso mostra que os textos patrísticos

6 Consideramos aqui citações diretas aquelas literais. As citações indiretas, por sua vez, tratam-se de paráfrases ou simples menções.

7 JACKSON, Pamela E. J., "Theology of the Liturgy", in LAMB, Matthew L; LEVERING, Matthew. *Vatican II: Renewal within Tradition*, p. 102.

foram utilizados mormente para apresentar as bases doutrinárias e teológicas que constituem os princípios da renovação proposta pelo Concílio para a Liturgia e não para a formulação de propostas concretas, como encontramos nos capítulos seguintes. Tendo isso presente, passemos às citações diretas.

1. As citações diretas

Como dito acima, a primeira citação direta se encontra em SC 5, cujo texto latino apresentamos a seguir com respectiva tradução em língua portuguesa:⁸

Deus, qui “omnes homines vult salvos fieri et ad agnitionem veritatis venire” (1Tim 2,4), “multifariam multisque modis olim loquens patribus in prophetis” (Hebr 1,1), ubi venit plenitudo temporis, misit Filium suum, Verbum carnem factum, Spiritu Sancto unctum, ad evangelizandum pauperibus, ad sanandos contritos corde,⁹ “me-

8 Para o texto latino, cf. “‘SACROSANCTUM CONCILIUM’ Constitución sobre la Sagrada Liturgia del Concilio Vaticano II”. *Phase 141* (2004), p. 35-107. Ao reproduzir os textos, sempre mantemos as notas de rodapé e as indicações de textos bíblicos que se encontram na versão utilizada em nosso estudo, o que não fazemos com a tradução para que se evitem informações em duplicata. Os grifos, porém, são sempre nossos: eles destacam a citação em questão. No que se refere à tradução portuguesa, apresentamos a organizada por Lourenço Costa em *DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II*, São Paulo: Paulus, 2007. 4ª ed. Apenas trabalhamos o texto para apresentá-lo no português do Brasil.

9 Cf. Is 61,1; Lc 4,18. Atenção: para efeito de curiosidade, mantivemos as outras citações presentes nos números da SC que serão trabalhadas neste artigo; elas aparecem nas notas de rodapé como apresentadas na versão utilizada do texto, acima referenciada.

dicum carnalem et spiritualem”,¹⁰ *Mediatorem Dei et hominum.*¹¹ *Ipsius namque humanitas, in unitate personae Verbi, fuit instrumentum nostrae salutis. Quare in Christo “nostrae reconciliationis processit perfecta placatio, et divini cultus nobis est indita plenitudo”.*¹²

*Hoc autem humanae Redemptionis et perfectae Dei glorificationis opus, cui divina magnalia in populo Veteris Testamenti praeluserant, adimplevit Christus Dominus, praecipue per suae beatae Passionis, ab inferis Resurrectionis et gloriosae Ascensionis paschale mysterium, quo “mortem nostram moriendo destruxit, et vitam resurgendo reparavit”.*¹³ *Nam de latere Christi in cruce dormientis ortum est totius Ecclesiae mirabile sacramentum.*¹⁴

Deus, o qual “quer salvar todos os homens e fazer com que cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), “havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas” (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, mandou o seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para anunciar a boa nova aos pobres, curar os contritos de coração, **“médico da carne e do espírito”**,

10 S. Ignatius Antiochenus, *Ad Ephesios*, 7,2: ed. F. X. Funk, *Patres Apostolici*, I, Tubingae 1901, p. 218.

11 Cf. 1Tim 2, 5.

12 *Sacramentarium Veronense* (Leonianum): ed. C. Mohlberg, Romae 1956, n. 1265, p. 162.

13 *Missale romanum*, praefatio paschalis.

14 Cf. Augustinus, *Enarr. in Ps. CXXXVII*, 2: *Chr. XL*, Turnholti 1956, p. 1991 et oratio post secundam lectionem sabbati sancti, in missali romano, ante instaurationem hebdomadae sanctae.

mediador entre Deus e os homens. Com efeito, sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que em Cristo “deu-se o perfeito cumprimento da nossa reconciliação com Deus e nos foi comunicada a plenitude do culto divino”.

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo “morrendo, destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida”. Pois, do lado de Cristo agonizante sobre a cruz nasceu “o admirável sacramento de toda a Igreja”.

O texto conciliar usa a expressão “*medicum carnalem et spiritualem*” em referência a Jesus Cristo, Verbo feito carne citando a carta de Sto. Inácio de Antioquia aos Efésios 7,2.¹⁵ Na versão de Franciscus Xaverius Funk, o texto grego é apresentado junto com uma tradução latina do próprio editor.¹⁶ Em seguida,

15 As cartas de Santo Inácio o tornaram célebre por conta das circunstâncias em que foram escritas, as paradas que fez em sua viagem para Roma a fim de sofrer o martírio, e das diversas contribuições dogmáticas que ele produziu combinando dados do *Corpus* paulino e do joanino (cf. FRANGIOTTI, Roque, “Introdução a Santo Inácio de Antioquia”, in *PADRES APOSTÓLICOS*, p. 74-75).

16 FUNK, F. X. *Patres Apostolici*, p. 219: “*Medicus autem unus est, et carnalis et spiritualis, genitus et ingenitus, in carne existens deus, in morte vita vera, et ex Maria et ex deo, primum passibilis et tunc impassibilis, Iesus Christus dominus noster*”.

apresentamos a versão citada pelo Concílio à qual acrescentamos a tradução de Storniolo e Balancin para a língua portuguesa:

εἷς ἰατρός ἐστίν, σαρκικός τε καὶ πνευματικός, γεννητός καὶ ἀγέννητος, ἐν σαρκὶ γενόμενος θεός, ἐν θανάτῳ ζωὴ ἀληθινή, καὶ ἐκ Μαρίας καὶ ἐκ θεοῦ, πρῶτον πατητός καὶ τότε ἀπατής, Ἰησοῦς Χριστὸς ὁ κύριος ἡμῶν.¹⁷

Existe apenas um médico, carnal e espiritual, gerado e não-gerado, Deus feito carne, Filho de Maria e Filho de Deus, vida verdadeira na morte, vida primeiro passível, agora impassível, Jesus Cristo nosso Senhor.¹⁸

Quanto à versão do texto patrístico, fazia sentido citar a edição de F. X. Funk, de 1901, e não *Patrologia Graeca* de J. P. Migne (PG 5), de 1857, pois aquela, além de mais recente, é fruto de um trabalho mais criterioso. Tanto, que Pierre-Thomas Camelot, na edição mais recente da *Sources Chrétiennes* (SCh) que trabalhou este texto antigo, a 10bis, de 1998, não apresenta nenhuma alteração em relação à versão de Funk. No que se refere ao texto em si, percebe-se que a citação é perfeitamente concorde com a ideia desenvolvida no texto conciliar,¹⁹ pois o santo bispo antioqueno está discorrendo justamente sobre Jesus Cristo que, como Deus e homem, é médico car-

17 FUNK, F. X. *Patres Apostolici*, p. 218; SChr 10, p. 64.

18 Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, *PADRES APOSTÓLICOS*, p. 84.

19 Não obstante a diferença nos casos que se deve à concordância em cada texto (ιατρός, σαρκικός e πνευματικός estão no nominativo, enquanto *medicum*, *carnelem* e *spiritualem* no acusativo).

nal e espiritual, ou seja, é Salvador do gênero humano em todas as dimensões de sua natureza. A tradução em língua portuguesa do texto conciliar troca os adjetivos (carnal e espiritual) por adjuntos adnominais restritivos (da carne e do espírito) justamente para manifestar não só que o Redentor é carnal e espiritual, mas também que salva as dimensões material e espiritual do ser humano. Em todo caso, a tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin se mostra bem mais fiel ao texto grego original. Tratando-se de uma simples referência a Jesus, não há mais o que acrescentar.

A segunda citação direta dos Padres da Igreja na SC se encontra no n. 26:

*Actiones liturgicae non sunt actiones privatae, sed celebrationes Ecclesiae, quae est “unitatis sacramentum”, scilicet plebs sancta sub Episcopis adunata et ordinata.*²⁰

Quare ad universum Corpus Ecclesiae pertinent illudque manifestant et afficiunt; singula vero membra ipsius diverso modo, pro diversitate ordinum, munerum et actualis participationis, attingunt.

As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é “**sacramento de unidade**”, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos.

Por isso, estas celebrações pertencem a todo o corpo da Igreja, manifestam-no e implicam-no; mas atingem a cada um dos membros de modo diferente, conforme a diversidade de ordens, dos ofícios e da atual participação.

20 S. CYPRIANUS, *De cath. eccl. unitate*, 7: ed. G. Hartel, in CSEL, t. III, 1, Vindobonae 1868, pp. 215-16. Cf. *Ep.* 66, n. 8, 3; *ed. cit.*, t. III, 2, Vindobonae 1871, pp. 732-33.

Os Padres Conciliares citam neste trecho da constituição sobre a Liturgia a obra *De Ecclesiae catholicae unitate*,²¹ n. 7, de S. Cipriano de Cartago, de acordo com a edição crítica de Hartel, publicada em 1868 (CSEL 3/1).²² Esta importante obra foi objeto

21 A obra ciprianea sobre a unidade da Igreja é uma obra de 251 que apresenta de modo orgânico a visão eclesiológica de S. Cipriano. Ao mesmo tempo, o autor condena cismas e heresias como obras do demônio e exorta os fieis à prudência e à vigilância (cf. DELL'OSSO, Carlo, "Introduzione a Cipriano di Cartagine" in CIPRIANO, *Lettere 1-50*, p. 24).

22 *Hoc unitatis sacramentum, hoc uinculum concordiae inseparabiliter cohaerentis ostenditur, quando in euangelio tunica Domini Iesu Christi non diuiditur omnino nec scinditur, sed sortientibus de ueste Christi, quis Christum potius indueret, integra uestis accipitur et incorrupta adque indiuidua tunica possidetur. loquitur ac dicit scriptura divina: de tunica autem, quia de superiore parte non consutilis sed per totum textilis fuerat, dixerunt ad inuicem: non scindamus illam sed sortiamur de ea, cuius sit. unitatem ille portabat de superiore parte uenientem id est de caelo et a patre uenientem quae ab accipiente ac possidente scindi omnino non poterat, sed totam semel et solidam firmitatem inseparabiliter obtinebat. possidere non potest indumentum Christi qui scindit et diuidit ecclesiam Christi. contra denique cum Salomone moriente regnum eius et populus scinderetur, Achias propheta Hieroboam regi obuius factus in campo in duodecim scissuras uestimentum suum discidit dicens: sume tibi decem scissuras, quia haec dicit Dominas: ecce seindo regnum de manu Salomonis et dabo tibi decem sceptra, et duo sceptra erunt ei propter seruum meum Dauid et propter Hierusalem cinitatem quam elegi, ut ponam nomen meum illic. cum duodecim tribus Israel scinderentur, uestimentum suum propheta Achias discidit. at uero quia Christi populus non potest scindi, tunica eius per totum textilis et cohaerens diuisa a possidentibus non est: indiuidua, copulata, conera ostendit populi nostri qui Christum induimus concordiam cohaerentem, sacramento uestis et signo declarauit ecclesiae unitatem.*

de estudos de Bévenot que publicou uma nova versão em 1972 (CCSL 3) com pequenas alterações seja de diagramação, seja na pontuação, mas que não modificam substancialmente o sentido do texto em relação à edição usada pelo Concílio.²³ É da versão crítica mais recente que apresentamos o texto latino abaixo:

Hoc unitatis sacramentum, hoc uinculum concordiae inseparabiliter cohaerentis ostenditur quando in euangelio tunica Domini Iesu Christi non diuiditur omnino nec scinditur sed, sortientibus de ueste Christi, quis Christum potius indueret, integra uestis accipitur et incorrupta adque indiuisa tunica possidetur. Loquitur ac dicit scriptura diuina : De tunica autem, quia de superiore parte non consutilis sed per totum textilis tuerat, dixerunt ad inuicem, ‘Non scindamus illam sed sortiamur de ea cuius sit’ (Io. 19,23-24). Vnitatem ille portabat de superiore parte uenientem, id est de caelo et a Patre uenientem, quae ab accipiente ac possidente scindi omnino non poterat, sed totam semel et solidam firmitatem inseparabiliter obtinebat : possidere non potest indumentum Christi qui scindit et diuidit ecclesiam Christi. Contra denique cum, Solomone moriente, regnum eius et populus scinderetur, Achias propheta Hieroboam regi obuius factus in campo in duodecim scissuras uestimentum suum discidit, dicens: ‘Sume tibi decem scissuras quia haec dicit Dominus, ‘Ecce scindo regnum de manu Solomonis, et dabo tibi decem scepra, et duo scepra erunt ei propter seruum

23 Esta versão continua a ser utilizada como versão crítica atual, tanto que é o texto latino utilizado por Paolo Siniscalco, Paul Mattei e Michel Poirrier em SChr 500.

meum Dawid et propter Hierusalem ciuitatem, quam elegi ut ponam nomen meum illic.” ’ (1 Reg. 11,31-32.36) *Cum duodecim tribus Israel scinderentur, uestimentum suum propheta Achias discidit ; at uero quia Christi populus non potest scindi, tunica eius per totum textilis et cohaerens diuisa a possidentibus non est : indiudua, copulata, conexa ostendit populi nostri, qui Christum induimus, concordiam cohaerentem; sacramento uestis et signo declarauit ecclesiae unitatem.*²⁴

24 CIPRIANO de Cartago, *De Ecclesiae catholicae unitate*, 7 (CCSL 3, p. 254-255), grifos do editor. A tradução em língua portuguesa apresenta pelas monjas beneditinas da Abadia de Nossa Senhora das Graças (CIPRIANO de Cartago, *A unidade da Igreja católica*, 7 [Patrística 35/1, p. 135-136]) é: “Este sacramento da unidade, este vínculo da concórdia, que une inseparavelmente, se mostra no evangelho pela túnica de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não foi nem dividida nem rasgada: dentre os que disputavam por sorte a veste do Cristo, vestiria o Cristo quem a recebesse íntegra e a possuísse como túnica incorruptível e indivisível. A Escritura divina declara isso dizendo: ‘Quanto à túnica porém, como era toda sem costura, tecida em uma só peça, disseram entre si: Não a rasguemos, decidamos por sorte para ver de quem será’ (Jo 19,23-24). Ela trazia a unidade vinda do alto, isto é, do céu, do Pai, e que não pode ser quebrada por quem a recebe ou a possui, mas ganhada íntegra e inseparavelmente radicada em sólido fundamento. Quem rasga ou divide a Igreja do Cristo não pode possuir a veste do Cristo.

Por outro lado, enfim, quando Salomão estava para morrer e seu reino havia de ser dividido, o profeta Aías dirigiu-se no campo ao rei Jeroboão com suas vestes cindidas em doze trapos dizendo: ‘Tira para ti dez destes trapos, pois diz o Senhor: Eis que divido o reino nas mãos de Salomão; dar-te-ei dez cetros, dois hão de ficar com ele em vista de Davi meu servo, e de Jerusalém, cidade santa onde colocarei meu nome’ (1Rs 11,31-32). O profeta Aías rasgou suas vestes porque deviam ser divididas as doze tribos de Israel. Como, porém, o povo de Cristo não pode

Como se vê, o santo bispo cartaginense apresenta a Igreja como sacramento da unidade fazendo referência à túnica inconsútil de Cristo que, como antítese ao Reino de Salomão, não deve ser dividida. Trata-se de uma imagem bela e eloquente que foi retomada pelo Vaticano II. A frase da SC, porém, termina com as palavras: “*scilicet plebs sancta sub Episcopis adunata et ordinata*”, uma menção à epístola 66 do mesmo autor, na versão disponível quando o Concílio foi celebrado.²⁵ Tomaremos aqui, apesar de não encontrarmos diferença entre as versões do texto, a versão crítica mais recente de Diercks (1996):

Loquitur illic Petrus, super quem aedificata fuerat ecclesia (cf. Mt. 16,18), ecclesiae nomine docens et ostendens quia, etsi contumax ac superba obaudire nolentium multitudo discedat, ecclesia tamen a Christo non recedit et illi sunt ecclesia, plebs sacerdoti adunata et pastori suo

ser dividido, sua túnica tecida e coerente não é dividida pelos que a possuem; uma, conjunta e indivisível, mostra a concórdia coesa do nosso povo que vestiu o Cristo. No mistério e no sinal da veste a unidade da Igreja foi manifestada”.

25 Cf. S. CYPRIANUS, Ep. 66, n.º 8, 3: ed. cit., t. III 2, Viena 1871, pp. 732-733: “*loquitur illic Petrus, super quem aedificata fuerat ecclesia, ecclesiae nomine docens et ostendens quia etsi contumax ac superba obaudire nolentium multitudo discedat, ecclesia tamen a Christo non recedit, et illi sunt ecclesia plebs sacerdoti adunata et pastori suo grex adhaerens. unde scire : debes episcopum in ecclesia esse et ecclesiam in episcopo et si qui cum episcopo non sit in ecclesia non esse, et frustra sibi blandiri eos qui pacem cum sacerdotibus Dei non habentes obrepunt et latenter apud quosdam communicare se credunt, quando ecclesia quae catholica una est scissa non sit neque dinisa, sed sit utique conexa et cohaerentium sibi inuicem sacerdotum glutino copulata*”.

*grex adhaerens. Vnde scire debes episcopum in ecclesia esse et ecclesiam in episcopo et si qui cum episcopo non sit in ecclesia non esse, et frustra sibi blandiri eos qui pacem cum sacerdotibus dei non habentes obrepunt et latenter apud quosdam communicare se credunt, quando ecclesia quae catholica una est scissa non sit neque diuisa, sed sit utique conexa et coherentium sibi inuicem sacerdotum glutino copulata.*²⁶

Neste parágrafo, especificamente, o autor africano, defendendo-se das acusações de Pupiano na intensa troca de cartas com a Igreja de Roma,²⁷ apresenta a unidade da Igreja como um rebanho ao redor de seu pastor, em particular o povo ao redor do bispo e sob sua autoridade. A referência, portanto, se presta muito bem para fundamentar o texto conciliar. Com isso, já passamos às citações indiretas que nos propo-

²⁶ CIPRIANO de Cartago, *Epistula 66*, 8,3 (CCSL 3C, p. 443), cuja tradução em língua portuguesa feita por Luciano R. Bastos é a seguinte: “Ali fala Pedro, sobre quem fora edificada a Igreja, ensinando em nome dela e mostrando que, por mais que se afaste a contumaz e soberba multidão dos que não querem obedecer, a Igreja, contudo, não se afasta de Cristo: essa Igreja é o povo reunido ao sacerdote, o rebanho que adere ao seu pastor. Daí que devas saber que o bispo está na Igreja e a Igreja está no bispo, que, se alguém não estiver com o bispo, não estará na Igreja. Enganam-se inutilmente os que, sem ter comunhão com os sacerdotes de Deus, se insinuam e, às escondidas, creem estar em comunhão com certas pessoas, pois a Igreja, que é católica, é uma só e não está cindida nem dividida, mas, por certo, conexa e reunida pelo liame dos sacerdotes mutuamente ligados entre si” (CIPRIANO de Cartago, *Epístola 66*, 8,3 [Patrística 35/2, p. 344]).

²⁷ Cf. DELL’OSSO, Carlo, “Introduzione a Cipriano di Cartagine” in CIPRIANO, *Lettere 1-50*, p. 46.

mos a analisar na segunda seção deste texto.

2. As citações indiretas

Continuamos a nossa análise das citações indiretas retornando ao n. 5 da SC, cujo segundo parágrafo diz:

*Hoc autem humanae Redemptionis et perfectae Dei glorificationis opus, cui divina magna in populo Veteris Testamenti praeluserant, adimplevit Christus Dominus, praecipue per suae beatae Passionis, ab inferis Resurrectionis et gloriosae Ascensionis paschale mysterium, quo “mortem nostram moriendo destruxit, et vitam resurgendo reparavit”.²⁸ Nam **de latere Christi in cruce dormientis ortum est totius Ecclesiae mirabile sacramentum.**²⁹*

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo “morrendo, destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida”. Pois, **do lado de Cristo agonizante sobre a cruz nasceu “o admirável sacramento de toda a Igreja”.**

Os padres conciliares fazem referência a

28 *Missale romanum*, praefatio paschalis.

29 Cf. Augustinus, *Enarr. in Ps. CXXXVIII*, 2: Chr. XL, Turnhol-
ti 1956, p. 1991 et oratio post secundam lectionem sabbati sanc-
ti, in missali romano, ante instaurationem hebdomadae sanctae.

Santo Agostinho em seus Comentários sobre os Salmos³⁰ (*In Psalmum* 138,2) na versão crítica publicada na *Corpus Christianorum* 40 por Eligius Dekkers e Johannes Fraipont em 1956,³¹ onde lemos:

Loquitur autem Dominus noster Iesus Christus in prophetis aliquando ex persona capitis nostri, qui est ipse Christus saluator, sedens ad dexteram Patris ; qui etiam propter nos natus de uirgine, et sub Pontio Pilato, qualia nostis, passus est; fuso innocente sanguine, quod est pretium nostrum, redemit nocentes a captiuitate, in qua detinebamur a diabolo, donans nobis delicta, et ipso pretio nostro sanguine suo delens chirographum quo

30 “A obra mais volumosa de Agostinho e mais rica em doutrina espiritual, a única exposição completa sobre os salmos na literatura patrística. Envolve um arco de tempo que vai do ano 392 (1-32) ao 416 ou, segundo outros, no caso do salmo 118, até depois de 422. Divide-se em duas classes: exposições ‘ditadas’ e exposições pregadas. As ‘ditadas’ subdividem-se em três grupos (cf. *Ep.* 169, 1 e Possídio, *Indiculus* 74): breves notas exegéticas (salmos 1-31, com poucas exceções), exposições mais amplas (67, 71, 77 etc.), homilias destinadas a serem lidas para o público (32 sobre o salmo 118). Todas as outras são discursos feitos ao povo em diversas cidades, predominantemente em Cartago. Não oferecem uma interpretação histórico-filológica, mas teológico-espiritual, fundamentada na doutrina do *Christus totus*: nos Salmos ouve-se a voz de Cristo, da Igreja, de cada um dos fiéis (*In ps.* 3, 1.9-10). O conteúdo envolve todos os grandes temas da doutrina cristã, da filosofia à teologia, à doutrina espiritual, à mística. São particularmente desenvolvidos os temas do corpo místico, das duas cidades, das ascensões para Deus, às quais o tom lírico dos Salmos dá as asas. O texto comentado é o da Septuaginta, revisto pelo próprio Agostinho” (TRAPÈ, Agostinho, “Santo Agostinho”, in INSTITUTUM PATRISTICUM AUGUSTINIANUM. *Patrologia – Volume IV*, p. 574-575).

31 Uma vez que a versão do texto utilizada pelo Concílio já é uma versão crítica, não há necessidade de comentar outras versões do texto.

debitores tenebamur. Ipse est rector et sponsus et redemptor ecclesiae, caput nostrum. Et utique si caput est, habet corpus. Corpus autem eius sancta ecclesia, quae etiam coniux eius ; cui dicit apostolus : Vos autem estis corpus Christi et membra. Totus itaque Christus caput et corpus, tamquam integer uir: quia et femina de uiro facta est, et ad uirum pertinet; et dictum est de primo coniugio : Erunt duo in carne una. Hoc autem ad mysterium interpretatur apostolus non frustra esse dictum de illis duobus hominibus, nisi quia in eis iam figurabatur Christus et ecclesia. Nam hoc sic exponit apostolus : Erunt duo in carne, inquit, una : sacramentum hoc magnum est; ego autem dico, in Christo et ecclesia. Dicit etiam ipsum Adam formam futuri : Qui est, inquit, forma futuri. Si ergo Adam forma futuri, quomodo de latere dormientis Eua facta est, sic ex latere Domini dormientis, id est, in passione morientis, et in cruce percusso de lancea, manauerunt sacramenta, quibus formaretur ecclesia. Nam de futura eadem passione sua sic dicit in alio psalmo : Ego dormivi, et somnum cepi; et exsurrexi, quoniam Dominus suscipiet me. Ergo dormitio intellegitur passio. Eua de latere dormientis, ecclesia de latere patientis. Loquitur ergo Dominus noster Iesus Christus in Prophetis aliquando ex uoce sua, aliquando ex uoce nostra, quia unum se facit nobiscum ; sicut dictum est : Erunt duo in carne una. Vnde dicit et ipse Dominus in euangelio, cum de coniugio loqueretur : Igitur iam non sunt duo, sed una caro. Vna caro, quia de nostra mortalitate carnem suscepit; non autem una diuinitas, quia ille Creator, nos creatu-

ra. Quidquid igitur Dominus loquitur ex persona susceptae carnis, et ad illud caput pertinet quod iam adscendit in caelum, et ad ista membra quae adhuc in terrena peregrinatione laborant; pro quibus laborantibus membris, cum ea Saulus insequeretur, clamavit de caelo : Saule, Saule, quid me persequeris? Audiamus ergo loquentem Dominum Iesum Christum in prophetia. Cantati enim sunt ipsi psalmi longe antequam Dominus de Maria nasceretur, non antequam Dominus esset. Semper enim Creator omnium, aliquando autem et natus ex creatura. Diuinitatem illam credamus, et quantum possumus, intellegamus aequalem Patri. Sed illa diuinitas Patri aequalis, facta est particeps nostrae mortalitatis, non de suo, sed de nostro; ut et nos efficeremur participes diuinitatis eius, non de nostro, sed de ipsius.³²

32 AUGUSTINUS, *En. in Ps.* 137,2 (CCSL 40, p. 1990-1991, grifos dos editores). Cujas Tradução das monjas beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo de Caxambu-MG, (Patrística 9/3, p. 860-862):

“Nos profetas, por vezes fala nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto nossa Cabeça, o próprio Cristo salvador, que está sentado à direita do Pai (cf. Mc 16,19); ele também por nossa causa nasceu da virgem, e sob Pôncio Pilatos, segundo sabeis, padeceu (cf. Lc 2,7; 21,1ss); tendo sido derramado seu sangue inocente, preço que pagou por nós, redimiu-nos a nós culpados do cativo em que éramos detidos pelo diabo, perdoando-nos os delitos, e com o preço que pagou por nós, seu sangue, apagou o título de dívida que existia contra nós (cf. Cl 2,13.14). Ele é o guia, o esposo, o redentor da Igreja, e nossa Cabeça. E, de fato, se é Cabeça, tem um corpo. Seu corpo, porém, a santa Igreja, é também sua esposa, à qual diz o Apóstolo: ‘Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros’ (1Cor 12,27). O Cristo total, portanto, Cabeça e corpo, é como um homem inteiro. Pois, a mulher foi tirada do

varão e a ele pertence. E foi dito do primeiro matrimônio: ‘Serão dois numa só carne’ (cf. Gn 2,24). O Apóstolo interpreta, segundo o mistério, que não foi em vão que se refere àqueles dois seres humanos, porque eles figuravam Cristo e a Igreja. Pois, assim o expõe o Apóstolo: ‘Serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me a Cristo e à Igreja’ (cf. 5,31.32). Ele afirma também que Adão é figura daquele que devia vir: ‘Que é figura daquele que devia vir’ (Rm 5,14). Se, pois, Adão é figura daquele que viria, assim como de seu lado, enquanto dormia, foi feita Eva (cf. Gn 2,21.22), do lado do Senhor que dormia, isto é, que morria em sua paixão, e fora ferido na cruz pela lança, manaram os sacramentos, que plasmariam a Igreja. Efetivamente, acerca de sua futura paixão, assim se exprime ele em outro salmo (cf. Jo 19,34): ‘Eu adormeci, caí em sono profundo, despertai, porque o Senhor me acolherá’ (Sl 3,6). Com efeito, por este sono se entende a paixão.

Eva foi tirada do lado de Adão que dormia, a Igreja do lado de Cristo, que estava padecendo. Por conseguinte, fala nosso Senhor Jesus Cristo nos profetas, às vezes, com sua voz, às vezes com a nossa, porque ele se torna um conosco, segundo a palavra: ‘Serão dois numa só carne’ (Gn 2,24). Daí dizer o próprio Senhor no evangelho, ao tratar do casamento: ‘De modo que já não são dois, mas uma só carne’ (Mt 19,6). Uma só carne, por que assumiu carne de natureza mortal; não, porém, uma só divindade, porque ele é o Criador e nós somos criaturas. Tudo aquilo, portanto, que o Senhor fala em lugar da carne que assumiu pertence à Cabeça que já subiu ao céu e aos membros que ainda labutam na peregrinação terrena. Em favor destes membros em trabalhos, quando Saulo os perseguia, o Senhor clamou do céu: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’ (At 9,4). Ouçamos, então, nosso Senhor Jesus Cristo a falar em profecia. Os salmos foram cantados muito tempo antes que o Senhor nascesse de Maria, mas não antes que fosse Senhor. Pois, foi sempre o Criador de todas as coisas, mas uma vez nasceu de uma criatura. Acreditemos naquela divindade, e quanto pudermos, entendamos que é igual ao Pai. Mas aquela divindade igual ao Pai, se tornou participante de nossa mortalidade, não por sua natureza, mas pela nossa, a fim de que nos tornássemos participantes de sua divindade; não pelo

A edição em língua portuguesa da SC utilizada neste trabalho usa aspas talvez para destacar a segunda parte da citação, presente também na edição latina, sobre a segunda leitura do Sábado santo antes da reforma da Semana Santa. Entretanto, no que se refere à citação do Hiponate, destacamos o paralelismo que o texto produz entre Cristo-Igreja e Adão-Eva: a ideia é comparar a fundação da Igreja a partir de Cristo e a formação da mulher a partir do homem no relato de Gênesis. Mais: enquanto no paraíso Deus usa uma das costelas do homem (cf. Gn 2,21), na cruz, Ele faz isso através dos sacramentos – “*Si ergo Adam forma futuri, quomodo de latere dormientis Eua facta est, sic ex latere Domini dormientis, id est, in passione morientis, et in cruce percusso de lancea, manauerunt sacramenta, quibus formaretur ecclesia*”³³. Desse modo, mostra-se, desde o seu primeiríssimo documento, a concepção sacramental da Igreja que possui o Concílio Vaticano II.³⁴

Na SC 7, encontramos a próxima referência patristica:

Ad tantum vero opus perficiendum, Christus Ecclesiae suae semper adest, praesertim in actionibus liturgicis. Praesens adest in Missae Sacrificio cum in ministri persona, “idem nunc offerens sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit”,³⁵ tum maxime sub speciebus eucharisti

que é nosso, mas por aquilo que é dele”.

33 AUGUSTINUS, *En. in Ps.* 137,2 (CCSL 40, p. 1991).

34 Cf. LG 1.

35 Conc. Trid., Sess. XXII, 17 Sept. 1562, Doctr. *De ss. Missae sacrificio*, c. 2: Concilium Tridentinum, *ed. cit.*, t. VIII. *Actorum pars V*, Friburgi Brisgoviae 1919, p. 960.

*cis. Praesens adest virtute sua in Sacramentis, ita ut cum aliquis baptizat, Christus ipse baptizat.*³⁶ *Praesens adest in verbo suo, siquidem ipse loquitur dum sacrae Scripturae in Ecclesia leguntur. Praesens adest denique dum supplicat et psallit Ecclesia, ipse qui promisit: “Ubi sunt duo vel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum” (Mt 18,20).*

Reapse tanto in opere, quo Deus perfecte glorificatur et homines sanctificantur, Christus Ecclesiam, sponsam suam dilectissimam, sibi semper consociat, quae Dominum suum invocat et per ipsum Aeterno Patri cultum tribuit.

Merito igitur Liturgia habetur veluti Iesu Christi sacerdotalis muneris exercitatio, in qua per signa sensibilia significatur et modo singulis proprio efficitur sanctificatio hominis, et a mystico Iesu Christi Corpore, Capite nempe eiusque membris, integer cultus publicus exercetur.

Proinde omnis liturgica celebratio, utpote opus Christi sacerdotis, eiusque Corporis, quod est Ecclesia, est actio sacra praecellenter, cuius efficacitatem eodem titulo eodemque gradu nulla alia actio Ecclesiae adaequat.

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz” como sobretudo nas espécies eucarísticas. **Ele está presente pela sua virtude nos sacramen-**

³⁶ Cf. S. AUGUSTINUS, *In Ioannis Evangelium tractatus VI*, cap. I, n. 7: PL 35, 1428.

tos, de tal modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo quem batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

Realmente, nesta grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua amadíssima esposa, que invoca seu Senhor, e por ele presta culto ao eterno Pai.

Com razão, portanto, a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral. Por isso, toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau.

Mais uma vez, Santo Agostinho é citado através de seus Comentários ao evangelho de João (6, 1, 7), desta vez, na versão de Migne (PL 35, 1428), publicada em 1845.³⁷ O texto agostiniano, porém, foi

³⁷ O Comentário ao Evangelho de João é composto por “124 discursos em parte pronunciados, em parte ditados. Estão classificados em dois grupos: 1-54, 55-124. A data de composição é muito discutida: o segundo grupo é situado no ano 416 (Le Landais) ou 418 (Zarb), ou depois de 419-420 (La Bonnardière); o primeiro em 411 (De Ferrari), em 413 (Zarb), em 414 (Le Landais); La Bonnardière distingue: 1-16 em 406-408, 17-54 após 418. Todo o comentário é de caráter pastoral, mas extraordinaria-

publicado em 1954 numa versão crítica por Radbodus Willems na *Corpus Christianorum* 36, cujo texto apresentamos a seguir:

Intendite, fratres : antequam ueniret Dominus noster Iesus Christus ad baptismum (nam post baptismum descendit columba in qua cognouit Iohannes quiddam proprium, cum el dictum esset : Super quem uideris Spiritum descendentem sicut columbam, et manentem super eum, ipse est qui baptizat in Spiritu sancto), nouerat quia ipse baptizat in Spiritu sancto; sed quia tali proprietate, ut potestas ab eo non transiret in alterum, quamuis eo donante, hoc ibi didicit. Et unde probamus quia iam et hoc nouerat Iohannes, quia baptizaturus erat Dominus in Spiritu sancto ; ut hoc intellegatur didicisse in columba, quod ita erat baptizaturus Dominus in Spiritu sancto, ut in neminem alium hominem potestas illa transiret? Vnde probamus ? Columba iam baptizato Domino descendit : ante autem quam ueniret Dominus ut baptizaretur a Iohanne in Iordane, diximus quia nouerat eum, illis uocibus ubi ait : Tu ad me uenis baptizari ? ego a te debeo baptizari. Sed ecce Dominum nouerat, nouerat Filium Dei ; unde probamus quod iam nouerat quia ipse baptizaret in Spiritu sancto : Antequam ueniret ad fluvium, cum multi ad Iohannem concurrerent baptizari, ait illis : Ego quidem baptizo uos in aqua; que autem post me uent, maior me est, curus non sum dignus corrigiam calceamenti soluere; ipse uos baptizabit in Spiritu sancto et igni ; iam et hoc nouerat. Quid

mente rico de conteúdo teológico-filosófico e espiritual” (TRAPÈ, Agostino, “Santo Agostinho”, in INSTITUTUM PATRISTICUM AUGUSTINIANUM. *Patrologia – Volume IV*, p. 572).

*ergo per columbam didicit, ne mendax postea inueniatur (quod auertat a nobis Deus opinari) ; nisi quamdam proprietatem in Christo talem futuram, ut quamuis multi ministri baptizaturi essent, siue iusti, siue iniusti, non tribueretur sanctitas baptismi, nisi illi super quem descendit columba, de quo dictum est : Hic est qui baptizat in Spiritu sancto ? Petrus baptizet, hic est qui baptizat; Paulus baptizet, hic est qui baptizat; Iudas baptizet, hic est qui baptizat.*³⁸

38 AUGUSTINUS, *In Io.* 6,7 (CCSL 36 p. 56-57, grifos do editor). Cujá tradução de P. José Augusto Rodrigues Amado (Santo Agostinho. *Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João – Tomo I.* São Paulo: Cultor de Livros, 2017. p. 108-109) é: “Atendei, irmãos. Antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo ao batismo, João conhecia já que ele batizava no Espírito Santo. Depois do batismo desceu a pomba, pela qual João conheceu uma propriedade exclusiva do Senhor. Tinha-lhe sido dito: Aquele sobre quem vires descer e repousar o Espírito, esse é o que batiza no Espírito Santo. O que João conheceu foi a particularidade de não fazer passar a outro o poder de batizar, ainda que outro ministrasse o batismo. Como se prova que João já conhecia que o Senhor havia de batizar no Espírito Santo? Só assim podemos saber que ele soube, por meio da pomba, que o Senhor havia de batizar no Espírito Santo, e que este poder não passou a qualquer outro. Como se prova, pois? A pomba desceu depois do batismo do Senhor. Mas antes que o Senhor viesse para ser batizado por João no rio Jordão, já o conhecia, como dissemos. Sabemo-lo por estas palavras: ‘Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?’ (Mt 3,14).

Mas ele conhecia o Senhor, o Filho de Deus. Como se prova que já sabia que o Senhor batizava no Espírito Santo? Antes que o Senhor viesse para junto do rio, quando muitos corriam a João, para receber o batismo, disse-lhes: ‘Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas o que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, nem eu sou digno de lhe atar o calçado, Ele há de batizar-vos no Espírito Santo e no fogo’ (Mt 3,11). Já conhecia

Quanto às versões disponíveis do texto à época do Concílio não existe, de fato, diferença substancial entre a da *Corpus Christianorum* (CCSL) e a da *Patrologia Latina* (PL),³⁹ contudo, é curioso que a

isto. Que aprendeu, pois, por meio da pomba, de modo a não ser tido depois por mentiroso? Digne-se Deus afastar de nós tal pensamento! Só podia ter aprendido que havia de existir em Cristo esta propriedade: embora muitos, tantos justos como injustos, houvessem de batizar, a santidade do batismo só seria atribuída àquele, sobre quem desceu a pomba, e de quem se disse: Esse é o que batiza no Espírito Santo. Se Pedro batiza, é esse que batiza. Se Paulo batiza, é esse que batiza. Se Judas batiza, é esse que batiza”.

39 A título de curiosidade e/ou comparação, apresentamos a versão de Migne (com grifos do editor):

“Intendite, fratres: antequam veniret Dominus noster Jesus Christus ad baptismum (nam post baptismum descendit columba in qua cognovit Joannes quiddam proprium, cum ei dictum esset, Super quem videris Spiritum descendentem sicut columbam, et manentem super eum, ise est qui baptizat in Spiritu sancto), noverat quia ipse baptizat in Spiritu sancto ; sed quia tali proprietate, ut potestas ab eo non transiret in alterum, quamvis eo donante, hoc ibi didicit. Et unde probamus quia jam et hoc noverat Joannes, quia baptizaturus erat Dominus in Spiritu sancto; ut hoc intelligatur didicisse in columba, quod ita erat baptizaturus Dominus in Spiritu sancto , ut in neminem alium hominem potestas illa transiret? unde probamus? Columba jam baptizato Domino descendit : ante autem quam veniret Dominus ut baptizaretur a Joanne in Jordane, diximus quia noverat eum, illis vocibus ubi ait : Tu ad me venis, baptizari? ego a te debeo baptizari. Sed ecce Dominum noverat, noverat Filium Dei : unde probamus quod jam noverat quia ipse baptizaret in Spiritu sancto? Antequam veniret ad fluvium, cum multi ad Joannem concurrerent baptizari, ait illis, Ego quidem baptizo vos in aqua : qui autem post me venit, major me est, cujus non sum dignus corrigiam calceamenti solvere; ipse vos baptizabit in Spiritu sancto et igni (Math, II, 14, 11) : jam et hoc noverat. Quid ergo

versão utilizada seja aquela publicada mais de um século antes (PL) e não a versão de poucos anos (CCSL). No que se refere ao conteúdo do texto, a citação é adequada para fundamentar a presença de Cristo nos ministros dos sacramentos. O texto em si, por sua vez, aponta para a controvérsia que Agostinho enfrentou contra os donatistas sobre a validade dos sacramentos, em particular o Batismo, celebrados por ministros pecadores e/ou indignos, uma vez que ele afirma que tanto justos, quanto injustos, todos celebram um Batismo santo porque, seja quem for o ministro, Pedro, Paulo, ou Judas, ali é Cristo que batiza, como se lê:

*nisi quamdam proprietatem in Christo talem futuram, ut quamvis multi ministri baptizaturi essent, siue iusti, siue iniusti, non tribueretur sanctitas baptismi, nisi illi super quem descendit columba, de quo dictum est : Hic est qui baptizat in Spiritu sancto ? Petrus baptizet, hic est qui baptizat; Paulus baptizet, hic est qui baptizat; Judas baptizet, hic est qui baptizat.*⁴⁰

Passemos agora à SC 41, onde encontramos mais uma referência aos Santos Padres:

Episcopus ut sacerdos magnus sui gregis habent-

per columbam didicit, ne mendax postea inveniatur (quod avertat a nobis Deus opinari); nisi quamdam proprietatem in Christo talem futuram, ut quamvis multi ministri baptizaturi essent, sive iusti, sive iniusti, non tribueretur sanetitas Baptismi, nisi illi super quem descendit columba, de quo dictum est, Hic est qui baptizat in Spiritu sancto? Petrus baptizet, hic est qui baptizat; Paulus baptizet, hic est qui baptizat; Judas baptizet, hic est qui baptizat.

40 AUGUSTINUS, *In Io.* 6,7 (CCSL 36 p. 57, grifos do editor).

dus est, a quo vita suorum fidelium in Christo quodammodo derivatur et pendet.

Quare omnes vitam liturgicam dioeceseos circa Episcopum, praesertim in ecclesia cathedrali, maximi faciant oportet: sibi persuasum habentes praecipuam manifestationem Ecclesiae haberi in plenaria et actuosa participatione totius plebis sanctae Dei in iisdem celebrationibus liturgicis, praesertim in eadem Eucharistia, in una oratione, ad unum altare cui praeest Episcopus a suo presbyterio et ministris circumdatus.⁴¹

O bispo deve ser considerado como o sumo sacerdote de seu rebanho, em quem tem origem e de quem depende, de algum modo, a vida dos fiéis em Cristo.

Por isso, todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da diocese que gravita em torno do bispo, sobretudo na igreja catedral: convencidos de que **a principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e ativa de todo o povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma eucaristia, numa única oração, num só altar a que preside o bispo rodeado pelo seu presbitério e pelos seus ministros.**

Para fundamentar a afirmação destacada, os padres conciliares citam diversas cartas de Santo Inácio de Antioquia, que apresentamos na versão de Funk com a respectiva tradução em língua portuguesa, a começar pela carta Aos Magnésios (n. 7):

1. Ὡσπερ οὖν ὁ κύριος ἄνευ τοῦ πατρὸς οὐδὲν

⁴¹ Cf. S. IGNATIUS ANTIOCHENUS, *Ad Magn.* 7; *Ad Phil.* 4; *Ad Smyrn.* 8: ed. F. X. Funk, *cit.*, I, pp. 236, 266, 281.

ἐποίησεν, ἠνωμένος ὢν, οὔτε δι' ἑαυτοῦ οὔτε διὰ τῶν ἀποστόλων, οὕτως μηδὲ ὑμεῖς ἄνευ τοῦ ἐπισκόπου καὶ τῶν πρεσβυτέρων μηδὲν πράσσετε ἢ μηδὲ πειράσητε εὐλογόν τι φαίνεσθαι ἰδίᾳ ὑμῶν, ἀλλ' ἐπὶ τὸ αὐτό ἢ μία προσευχή, μία δέησις, εἷς νοῦς, μία ἐλπίς ἐν ἀγάπῃ, ἐν τῇ χαρᾷ τῇ ἀμώμῳ, ὃ ἐστὶν Ἰησοῦς Χριστός, οὗ ἄμεινον οὐθέν ἐστιν. 2. Πάντες ὡς εἰς ἓνα ναὸν συντρέχετε θεοῦ, ὡς ἐπὶ ἓν θυσιαστήριον, ἐπὶ ἓνα Ἰησοῦν Χριστόν, τὸν ἀφ' ἑνὸς πατρὸς προελθόντα καὶ εἰς ἓνα ὄντα καὶ χωρήσαντα.⁴²

1. Assim como o Senhor nada fez, nem por si mesmo nem por meio de seus apóstolos, sem o Pai, com o qual ele é um, também vós não façais nada sem o bispo e os presbíteros. Não tenteis fazer passar por louvável coisa alguma que fizerdes sozinhos. Pelo contrário, reunidos em comum, haja uma só oração, uma só súplica, um só espírito, uma só esperança no amor, na alegria imaculada, que é Jesus Cristo: nada é melhor do que ele. 2. Correi todos juntos como ao único templo de Deus, ao redor do único altar, em torno do único Jesus Cristo, que saiu do único Pai e que era único em si e para ele voltou.⁴³

42 FUNK, F. X., *Patres Apostolici*, p. 235-237: “7,1. *Quemadmodum igitur dominus sine patre, ipsi unitus, nihil fecit, neque per se ipsum neque per apostolos: ita neque vos sine episcopo et presbyteris quidquam peragatis; neque aggrediamini, ut quidquam a vobis separatim factum decens appareat, sed in unum convenientibus una sit oratio, una precatio, una mens, una spes in caritate, in gaudio sancto, quod o est Iesus Christus, quo nihil praestantius est. 2. Omnes velut in unum templum dei concurrere, velut ad unum altare, ad unum Iesum Christum, qui ab uno patre prodit et apud eum fuit ad eumque reversus est*”.

43 Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, *PADRES APOSTÓLICOS*, p. 93.

Em seguida, apresentamos o texto da missiva Aos Filadelfienses (n. 4):

Σπουδάστε οὖν μιᾷ εὐχαριστία χρῆσθαι · μία γὰρ σὰρξ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Κριστοῦ καὶ ἓν ποτήρου εἰς ἔνωσιν τοῦ αἵματος αὐτοῦ, ἓν θυσιαστήριον, ὡς εἷς ἐπίσκοπος ἅμα τῷ πρεσβυτερίῳ καὶ διακόνοις, τοῖς συνδούλοις μου · ἵνα ὁ ἕαν πράσσητε κατὰ θεὸν πράσσητε.⁴⁴

Preocupai-vos em participar de uma só eucaristia. De fato, há uma só carne de nosso Senhor Jesus Cristo e um só cálice na unidade do seu sangue, um único altar, assim como um só bispo com o presbitério e os diáconos, meus companheiros de serviço. Desse modo, o que fizerdes, fazei-o segundo Deus.⁴⁵

E, por fim, a Carta Aos Esmirnenses (n. 8):

1. Πάντες τῷ ἐπισκόπῳ ἀκολουθεῖτε, ὡς Ἰησοῦς Χριστὸς τῷ πατρὶ, καὶ τῷ πρεσβυτερίῳ τοῖς ἀποστόλοις · τοῦς δὲ διακόνους ἐντρέπεσθε ὡς θεοῦ ἐντολήν. Μηδεὶς χωρὶς τοῦ ἐπισκόπου τι πρᾶστέω τῶν ἀνηκόντων εἰς τὴν ἐκκλησίαν. Ἐκείνη βεβαία εὐχαριστία ἡγείσθω, ἢ ὑπὸ ἐπίσκοπον οὔσα ἢ ὧ ἂν αὐτὸς ἐπιτρέψη. 2. Ὅπου ἂν φανῇ ὁ ἐπίσκοπος, ἐκεῖ τὸ πλῆθος ἔστω, ὡσπερ ὅπου ἂν ᾗ Χριστὸς Ἰησοῦς, ἐκεῖ ἡ καθολικὴ ἐκκλησία. Οὐκ ἔξόν ἐστὶν χωρὶς τοῦ

44 FUNK, F. X., *Patres Apostolici*, p. 266-267: “*Studeatis igitur una eucharistia uti; una enim est caro domini nostri Iesu Christi et unus calix in unitatem sanguinis ipsius, unum altare, sicut unus episcopus cum presbyterio et diaconis, conservis meis; ut, quod faciatis, secundum deum faciatis*”.

45 Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, *PADRES APOSTÓLICOS*, p. 110.

ἐπισκόπου οὔτε βαπτίζειν οὔτε ἀγάπην ποιεῖν
· ἀλλ' ὁ ἄν ἐκεῖνος δοκιμάσῃ, τοῦτο καὶ τῷ θεῷ
εὐάρεστον, ἵνα ἀσφαλὲς ᾦ καὶ βέβαιον πᾶν ὁ
πράσσεται.⁴⁶

1. Segui todos ao bispo, como Jesus Cristo segue ao Pai, e ao presbitério como aos apóstolos; respeitai os diáconos como à lei de Deus. Sem o bispo, ninguém faça nada do que diz respeito à Igreja. Considerai legítima a eucaristia realizada pelo bispo ou por alguém que foi encarregado por ele. 2. Onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica. Sem o bispo não é permitido batizar, nem realizar o ágape. Tudo o que ele aprova, é também agradável a Deus, para que seja legítimo e válido tudo o que se faz.⁴⁷

Do ponto de vista das edições, não há nada a acrescentar àquilo que foi dito no início deste texto, quando trabalhamos outro texto de Santo Inácio. Já no que se refere ao uso do texto pelos padres conciliares,

46 FUNK, F. X., *Patres Apostolici*, p. 282-283: “*Omnes episcopo obtemperate, ut Iesus Christus patri, et presbyterio ut apostolis; diaconos autem revereamini ut dei mandatum. Separatim ab episcopo nemo quidquam faciat eorum, quae ad ecclesiam spectant. Valida eucharistia habeatur illa, quae sub episcopo peragitur vel sub eo, cui ipse concesserit. 2. Ubi comparuerit episcopus, ibi et multitudo sit, quemadmodum ubi fuerit Christus Iesus, ibi catholica est ecclesia. Non licet sine episcopo neque baptizare neque agapen celebrare ; sed quodcumque ille probaverit, hoc et deo est beneplacitum, ut firmum et validum sit omne, quod peragitur*”.

47 Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, *PADRES APOSTÓLICOS*, p. 118.

notamos, como desde o início, que as citações apontam sempre para a unidade da comunidade local ao redor do bispo como a Igreja se reúne em Jesus Cristo. Trata-se de uma insistência do mártir antioqueno que demonstra um dos pontos fundamentais de sua teologia.

Assim, chegamos à penúltima citação patrística da *Sacrosanctum Concilium* que se encontra no n. 47:

*Salvator noster, in Cena novissima, qua nocte tradebatur, Sacrificium Eucharisticum Corporis et Sanguinis sui instituit, quo Sacrificium Crucis in saecula, donec veniret, perpetuaret, atque adeo Ecclesiae dilectae Sponsae memoriale concrederet Mortis et Resurrectionis suae: **sacramentum pietatis, signum unitatis, vinculum caritatis**,⁴⁸ convivium paschale, in quo Christus sumitur, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur.⁴⁹*

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer dos séculos, até ele voltar, o sacrifício da cruz, e para confiar assim à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: **sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade**, banquete pascal “em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura”.

Trata-se de uma citação do Tratado sobre o Evangelho de S. João (6,13), escrito por Santo Agostinho. Embora a edição utilizada pelos padres conciliares, mais uma vez, seja da PL,⁵⁰ pelos motivos

48 Cf. S. AUGUSTINUS, *In Ioannis Evangelium Tractatus XXVI*, cap. VI, n. 13: PL 35,1613.

49 *Breviarium Romanum*, In festo Sanctissimi Corporis Christi. Ad II Vesperas, antiphona ad Magnificat.

50 Cujo texto apresentamos para efeito de comparação: “Ego sum panis vivus, qui de coelo descendi. *Ideo vivus, quia de coelo*

elencados acima,⁵¹ apresentamos a versão crítica de Radbodus Willems publicada pela CCSL (36):

Ego sum panis uiuus, qui de caelo descendi. *Ideo uiuus, quia de caelo descendi. De caelo descen-*

descendi. De coelo descendit et manna: sed manna umbra era, iste veritas est. Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. Hoc quando caperet caro, quod dixit panem, carnem? Vocatur caro, quod non capit caro: et ideo magis non capit caro, quia vocatur caro. Hoc enim exhorruerunt, hoc ad se multum esse dixerunt, hoc non posse fieri putaverunt. Caro mea est, inquit, pro mundi vita. Norunt fideles corpus Christi, si corpus Christi esse tion negligent. Fiant corpus Christi, si volunt vivere de Spiritu Christi. De spiritu Christi non vivit, nisi corpus Christi, Intelligite, fratres mei, quid dixerim. Homo es, et spiritum habes, et corpus habes. Spiritum dico qua anima vocatur, qua constat quod homo es: constas enim ex anima et corpore. Habes itaque spiritum invisibilem, corpus visibile. Dic mihi quid ex quo vivat : spiritus tuus vivit ex corpore tuo, an corpus tuum ex spiritu tuo? Respondet omnis qui vivit : qui autem hoc non potest respondere, nescio si vivit : quid respondet omnis qui vivit? Corpus utique meum vivit de spiritu meo. Vis ergo et tu vivere de Spiritu Christi? In corpore esto Christi. Numquid enim corpus meum vivit de spiritu tuo? Meum vivit de spiritu meo, et tuum de tuo. Non potest vivere corpus Christi, nisi de Spiritu Christi. Inde est quod exponens nobis apostolus Paulus hunc panem, Unus pans, inquit, unum corpus multi sumus (1 Cor. x, 17). O Sacramentum pietatis! o signum unitatis! o vinculum charitatis! Qui vult vivere, habet ubi vivat, habet unde vivat. Accedat, credat, ; incorporetur, ut vivificetur. Non abhoreat a compage membrorum, non sit putre membrum quod resecari mereatur, non sit distortum de quo erubescatur : sit pulchrum, sit aptum, sit sanum; haereat corpori, vivat Deo de Deo : nunc laboret in terra, ut postea regnet in coel乎”.

51 Cf. o que se disse a respeito da citação da mesma obra em SC 7.

dit et manna; sed manna umbra erat, iste ueritas est. Si quis manducauerit ex hoc pane, uiuet in aeternum ; et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi uita. Hoc quando caperet caro, quod dixit panem, carnem ? Vocatur caro, quod non capit caro, et ideo magis non capit caro, quia uocatur caro. Hoc enim exhorruerunt, hoc ad se multum esse dixerunt, hoc non posse fieri putauerunt. Caro mea est, inquit, pro mundi uita. Norunt fideles corpus Christi, si corpus Christi esse non negligent. Fiant corpus Christi, si uolunt uiuere de Spiritu Christi. De Spiritu Christi non uiuit, nisi corpus Christi. Intellegite, fratres mei, quid dixerim. Homo es, et spiritum habes, et corpus habes. Spiritum dico quae anima uocatur, qua constat quod homo es; constas enim ex anima et corpore. Habes itaque spiritum inuisibilem, corpus uisibile. Dic mihi quid ex quo uiuat : spiritus tuus uiuit ex corpore tuo, an corpus tuum ex spiritu tuo ? Respondet omnis qui uiuit; (qui autem hoc non potest respondere, nescio si uiuit) quid respondet omnis qui uiuit ? Corpus utique meum uiuit de spiritu meo. Vis ergo et tu uiuere de Spiritu Christi? In corpore esto Christi. Numquid enim corpus meum uiuit de spiritu tuo? Meum uiuit de spiritu meo, et tuum de tuo. Non potest uiuere corpus Christi, nisi de Spiritu Christi. Inde est quod exponens nobis apostolus Paulus hunc panem, Unus panis, inquit, unum corpus multi sumus. O sacramentum pietatis ! o signum unitatis! o uinculum Caritatis ! Qui uult uiuere, habet ubi uiuat, habet unde uiuat. Accedat, credat, incorporetur, ut uiuificetur. Non abhoreat a compage membrorum, non sit putre membrum quod resecari mereatur, non sit distor-

*tum de quo erubescatur; sit pulcrum, sit aptum, sit sanum, haereat corpori, uiuat Deo de Deo; nunc laboret in terra, ut postea regnet in caelo.*⁵²

52 AUGUSTINUS, *In Io.* 26,13 (CCSL 36 p. 266-267, grifos do editor). Cujá tradução de P. José Augusto Rodrigues Amado, publicada em Santo Agostinho. *Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João – Tomo I.* São Paulo: Cultor de Livros, 2017. p. 493-495, é a seguinte:

“Eu sou o pão vivo que desci do céu. Sou vivo precisamente porque desci do céu.

O maná também desceu do céu, mas o maná era uma sombra, e este é a verdade.

Quem comer deste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei, é a minha carne para a vida do mundo.

Quando é que a carne havia de julgar que ao pão se chamaria “carne”? Chama-se “carne” a uma coisa que a carne não compreende, e a carne menos compreende o motivo por que se lhe chama “carne”.

Os judeus horrorizaram-se perante o fato. Disseram que isto ultrapassava o seu poder de compreensão, e julgaram-no impossível.

O pão que eu darei, é a minha carne para a vida do mundo. Só conhecem o corpo de Cristo os fiéis que não se recusam a ser o corpo de Cristo. Quem quiser viver do espírito de Cristo, faça-se corpo de Cristo. Só o corpo de Cristo pode viver do espírito de Cristo. Entendei o que eu disse, meus irmãos.

Vós sois homens; tendes espírito e tendes corpo. Tendes espírito a que se chama alma, e é por esta que sois homens. Sois compostos de alma e corpo.

Tendes, pois, um espírito invisível e um corpo visível.

Dizei qual destes elementos vive por virtude do outro? É o corpo que vive do espírito ou é o espírito que vive do corpo?

Todo o homem que vive, é capaz de responder. O que não pode responder, não sei se vive. Que responde o que vive? Sim, é o meu corpo que vive do meu espírito.

Quereis também viver do espírito de Cristo? Permanecei no corpo de Cristo. O meu corpo viverá do vosso espírito? O meu corpo vive do meu espírito, e o vosso corpo vive do vosso espírito.

O corpo de Cristo não pode viver senão do espírito de Cristo.

O texto agostiniano é citado quase literalmente. De fato, o hiponate faz uma sequência de exclamações que visa exaltar o Sacramento: “*O sacramentum pietatis ! o signum unitatis! o uinculum Caritatis !*”. Dessa forma, podemos perceber que também o Concílio quis apresentar, no início de sua consideração sobre o mistério eucarístico, uma visão sublime deste extraordinário dom de Cristo à Sua Igreja.

A última citação patrística da constituição conciliar se encontra no número seguinte, SC 48:

*Itaque Ecclesia sollicitas curas eo intendit ne christifideles huic fidei mysterio tamquam extranei vel muti spectatores intersint, sed per ritus et preces id bene intellegentes, sacram actionem conscie, pie et actuose participent, verbo Dei instituantur, mensa Corporis Domini reficiantur, gratias Deo agant, immaculatam hostiam, non tantum per sacerdotis manus, sed etiam una cum ipso offerentes, seipsos offerre discant, et de die in diem consummentur, **Christo Mediatore**,⁵³ in unitatem cum Deo et inter se, ut sit tandem Deus omnia in omnibus.*

Tal é o motivo por que o apóstolo Paulo, falando deste pão, diz: “*Visto que há um só pão, nós, embora muitos, formamos um só corpo, porque participamos todos de um só pão*” (1Cor 10,17). Ó sacramento da piedade! Ó sinal da unidade! Ó vínculo da caridade! Quem quer viver, tem onde viva, e tem de onde viva. Aproxime-se, acredite, incorpore-se para ser vivificado.

Não se afaste do conjunto dos membros, não seja membro podre que haja de ser cortado, não seja membro torcido de que se envergonhe o corpo. Seja belo, seja apto, seja sadio. Una-se ao corpo, viva para Deus, e viva de Deus. Trabalhe agora na terra, para reinar depois no céu”.

53 Cf. S. CYRILLUS Alex., *Commentarium in Ioannis Evangelium*, lib. XI, capp. XI-XII: PG 74, 557-565, praesertim 564-565.

Por isso, a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na palavra de Deus; alimentem-se na mesa do corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que dia após dia, por meio de **Cristo mediador** progridam na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.

Desta vez, trata-se de uma longa citação composta de dois capítulos do Comentário a João de Cirilo de Alexandria,⁵⁴ o que contam dez colunas completas

54 “Este comentário possui uma maior uma tendência dogmática e polêmica. A introdução afirma que uma atenção especial será dispensada ao sentido dogmático do texto e à refutação de doutrinas heréticas. O autor está ansioso para provar, a partir do quarto Evangelho, que o Filho é da mesma substância divina que o Pai e que ambos têm sua própria subsistência pessoal. Ele investe contra os arianos, eunomianos e a cristologia da escola de Antioquia. O nome de Nestório não é mencionado, nem o termo *Theotokos* ou a terminologia dos escritos posteriores de Cirilo. Por essa razão, é praticamente certo que o livro tenha sido composto antes do início da controvérsia nestoriana, ou seja, antes de 429. O *terminus a quo* ainda é uma questão em disputa. J. Lebon e N. Charlier afirmam que essa explicação do Evangelho de São João é a mais antiga das obras exegéticas de Cirilo. G. Jouassard acredita que começou a ser escrito em 425, mas não foi concluído até 428. O enorme comentário consiste em doze livros subdivididos em capítulos. Os livros sete e oito, contendo a exposição de São João 10, 18-12, 48 não chegaram até nós, exceto por alguns fragmentos nas *Catenaes*, cuja autenticidade, no entanto, permanece duvidosa” (QUASTEN, Johannes, *Patro-*

em grego (e outras dez em latim) na edição de Joannis Auberti (PG 74). Além disso, a obra não está disponível em língua portuguesa. Portanto, acreditamos que seja inadequado apresentar o texto integral neste trabalho. Em todo caso, os capítulos citados, 11 e 12, abordam a essencial unidade do Filho com o Pai e, ao mesmo tempo, como o Filho encarnado se torna mediador entre Deus e a humanidade corporal e espiritualmente. Assim, os capítulos escritos pelo santo bispo alexandrino servem justamente de base para a afirmação de Jesus Cristo como mediador, como faz o texto conciliar.

Considerações finais

Assim, tendo visitado as citações patrísticas presentes na SC, podemos constatar que a teologia desenvolvida pelos Santos Padres, tanto latinos quanto gregos, serviram aos Padres conciliares de fundamentação para afirmações teológicas e títulos atribuídos a Cristo e, embora edições posteriores dos textos antigos tenham sido produzidas depois do Concílio, as novas versões não alteram os dados contidos na constituição sobre a divina Liturgia. Isso certamente é um convite a toda Igreja a aprofundar o conhecimento acerca das primeiras gerações de teólogos que mereceram o nome de Pais da Igreja para cultivar nossa fidelidade à identidade cristã que, através deles, do Senhor recebemos.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO Santo. *Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João – Tomo I*. Tradução de José Augusto Rodrigues Amado. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

AGOSTINHO Santo. *Comentário aos Salmos (Enarrationes in Psalmos) – Salmos 101-150*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística 9/3).

AUBERTI, Joannis (ed.). *Patrologiae Graeca, tomus 74, S. P. N. Cyrilli Alexandriae Archiepiscopi*. Turnholti: Brepols, 1976. (PG 74).

AVRELII Augustini Sancti. *Enarrationes in Psalmos – CI-CL*. Turnholti: Brepols, 1956. (CCSL 40).

AVRELII Augustini. *Opera pars VIII – In Iohannis Euangelium Tractatus CXXIV*. Edição de D. Radbodus Willems. Turnholti: Brepols, 1954. (CCSL 36).

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html> (acesso em 9 de julho de 2024).

BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas I*. Tradução das Monjas Beneditinas da Abadia N. S. das Graças. São Paulo: Paulus, 2016. (Patrística 35/1).

CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas II*. Tradução de Luciano R. Bastos. São Paulo: Paulus, 2020. (Patrística 35/2).

- CYPRIANI Episcopi. *Opera pars I*. Edição de R. Weber e M. Bévenot. Turnholti: Brepols, 1972. (CCSL 3).
- CYPRIANI Episcopi. *Opera pars III,2*. Edição de G. F. Diercks. Turnholti: Brepols, 1996. (CCSL 3C).
- CYPRIEN de Carthage. *L'Unité de l'Église*. Edição de Paolo Siniscalco; Paul Mattei; Michel Poirier. Paris: CERF, 2006. (SCh 500).
- Dell'OSSO, Carlo, "Introduzione a Cipriano di Cartagine" in CIPRIANO, *Lettere 1-50*, p. 7-73.
- FRANGIOTTI, Roque, "Introdução a Santo Inácio de Antioquia", in *PADRES Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2002. 3ª ed. (Patrística 1), p. 73-79.
- FUNK, Franciscus Xaverius (ed.). *Patres Apostolici*. Tübingen: Libraria Henrici Laupp, 1901.
- IGNACE d'Antioche; POLYCARPE de Smyrne. *Lettres; Martyre de Polycarpe*. Edição de Pierre-Thomas Camelot. Paris: CERF, 1998. (SCh 10bis).
- LAMB, Matthew L; LEVERING, Matthew. *Vatican II: Renewal within Tradition*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LUMEN GENTIUM, in DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II, São Paulo: Paulus, 2007. 4ª ed, p. 101-193.
- MIGNE, Jean-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus: series graeca, tomus V, S. Ignatius, S. Polycarpus, Pontifices Romani saeculi II, S. Melito Sardensis, alii*. Paris: J.-P. Migne, 1857. (PG 5).
- MIGNE, Jean-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus: series prima, tomus XXXV, S. Aurelii Augustini (tomus tertius, pars altera)*. Paris: J.-P. Migne,

1845. (PL 35).

PADRES Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2002. 3ª ed. (Patrística 1).

QUASTEN, Johannes. *Patrologia – Volume III: A era de ouro da literatura patrística grega: do Concílio de Niceia ao Concílio de Calcedônia.* Rio de Janeiro: Editora CDB, 2023.

S. THASCI Caecili Cypriani. *Opera Omnia (pars I).* Edição de G. Hartelii. Viena: C. Geroldi Filium Bibliopolam Academiae, 1868. (CSEL 3/1).

S. THASCI Caecili Cypriani. *Opera Omnia (pars II).* Edição de G. Hartelii. Viena: C. Geroldi Filium Bibliopolam Academiae, 1871. (CSEL 3/2).

SACROSANCTUM CONCILIUM, in DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II, São Paulo: Paulus, 2007. 4ª ed, p. 33-81.

“‘SACROSANCTUM CONCILIUM’ Constitución sobre la Sagrada Liturgia del Concilio Vaticano II”. *Phase 141* (2004), p. 35-107.

TENA, Pere. “Historia y proceso de aplicación de la Constitución ‘Sacrosanctum Concilium’”, *Phase 141* (2004), p. 5-35.

TRAPÈ, Agostino, “Santo Agostinho”, *in INSTITUTUM PATRISTICUM AUGUSTINIANUM. Patrologia – Volume IV: Do Concílio de Niceia ao Concílio de Calcedônia: os Padres Latinos.* Rio de Janeiro: Editora CDB, 2023, p. 495-664.